

**FACULDADE SANTO ANTÔNIO DE PÁDUA CURSO DE
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Ana Carolina Barros Cunha

**DA TRAVESSIA AO ENCONTRO:
O Complexo de Édipo e a Construção da Sexualidade Feminina**

Santo Antônio de Pádua / RJ
2023

ANA CAROLINA BARROS CUNHA

**DA TRAVESSIA AO ENCONTRO:
o complexo de Édipo e a construção da sexualidade feminina**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade Santo Antônio de Pádua como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.
Orientadora: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback

Prof.^a Me. Allan de Aguiar Almeida

Prof.^a Me. Dinart Rocha Filho

Santo Antônio de Pádua / RJ
2023

Por falar em Amor, em Édipo...
Para o meu pai, Subtenente Cunha.

DA TRAVESSIA AO ENCONTRO: O COMPLEXO DE ÉDIPO E A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA

Ana Carolina Barros Cunha¹

Orientadora: Prof.^a Me. Adriana Chaves de Oliveira Ruback

¹Graduanda em Psicologia pela Faculdade Santo Antônio de Pádua

RESUMO

Da travessia ao encontro: o complexo de Édipo e a construção da sexualidade feminina é um trabalho que surgiu a partir do interesse em pesquisar a construção da sexualidade da mulher a partir dos conceitos de Freud e chegando à seguinte indagação: como a travessia do complexo de Édipo influencia na construção da sexualidade feminina? Como objetivo geral: investigar e apresentar a relevância do complexo de Édipo na construção da sexualidade feminina. Como objetivos específicos: compreender como o mito do Édipo se insere na Psicanálise freudiana e apresentar relações entre a sexualidade feminina e a Psicanálise. A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica em bases de dados: google acadêmico, google books a partir dos seguintes descritores: complexo de Édipo; sexualidade feminina; psicanálise são utilizados livros, capítulos de livros e artigos que contribuam direta ou indiretamente com o tema estudado. São três capítulos: *mito do Édipo ao complexo na psicanálise, o Édipo na teoria psicanalítica: a construção freudiana do conceito e o complexo de Édipo na construção da sexualidade feminina a luz da psicanálise*.

Palavras-chaves: Complexo de Édipo; Sexualidade Feminina; Psicanálise

INTRODUÇÃO

Há um tempo em que é preciso abandonar as roupas usadas, que já tem a forma do nosso corpo, e esquecer os nossos caminhos, que nos levam sempre aos mesmos lugares. É o tempo da travessia: e, se não ousarmos fazê-la, teremos ficado, para sempre, à margem de nós mesmos. (Fernando Pessoa).

É no fulgor da travessia que Fernando Pessoa nos oferece a poética sobre processos de atravessamentos, flexionando o pensar, que a travessia está imersa a um tempo interior. Tempo este, não dimensionando pela cronologia cabível em nosso

relógio de pulso, ou em dias que podem ser contados e circulados nas folhas dos calendários. A travessia dimensiona-se no movimento intrínseco do ser, confluindo-se a um diálogo com Larrosa (2016), que ancora na palavra experiência, que em suas derivações radicais, dimensionam-se na palavra travessia.

A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. O radical é *periri*, que se encontra também em *periculum*, perigo. A raiz indo-europeia é *per*, com a qual se relaciona de tudo a ideia de travessia, e secundariamente ideia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. Em nossas línguas há uma bela palavra que tem esse *per* grego de travessia: a palavra *peiratês*, pirata. (LARROSSA,2016, p.26).

E é sobre ser travessia e ser atravessado que vamos caminhar com este trabalho, abrindo espaço para a “experiência” (2016), que nenhum ser humano consegue escapar. A travessia do complexo de Édipo, e seu ato de desmame, de nossos primeiros objetos de amor e a construção da sexualidade do indivíduo. Nesta pesquisa, o foco volta-se para a construção da sexualidade da mulher, se ocupando de dialogar a partir dos conceitos de Freud, levando-nos ao confronto e a seguinte indagação: Como a travessia do complexo de Édipo influencia na construção da sexualidade feminina? Assim, as tenções arriscadas, para mapear estes caminhos, nos apontam as sinuosidades da análise do processo de travessia do complexo de Édipo na mulher na busca complexa de entender como o Édipo influencia/constrói a sexualidade feminina e determina os seus os objetos de amor.

A teoria freudiana da sexualidade feminina é um tema bastante discutido por causa das teses defendidas por Freud que envolvem desde a dissolução do complexo de Édipo, uma fase exclusiva na formação sexual feminina, a hipótese da “inveja do pênis” sugerida por ele e os problemas e limitações que têm lugar na sua argumentação. O autor aponta também a tese de que a mulher passa por variações da sexualidade masculina.

A sexualidade é uma dimensão humana essencial e deve ser entendida na totalidade dos seus sentidos como tema e área de conhecimento. O primeiro teórico a abordar o assunto sobre sexualidade infantil foi Freud. O mesmo parte da afirmação de que “novas perspectivas se nos oferecem ao considerarmos que no homem a pulsão sexual não serve originalmente aos propósitos da reprodução, mas à obtenção

de determinados tipos de prazer” (FREUD, [1908] 1996, p. 169). O sexual é o inconsciente, lugar onde a sexualidade infantil trabalha; logo, o grande enigma do ser humano.

A partir dessas investigações, para da teoria proposta da construção da sexualidade feminina, o caminho apontado neste trabalho percorrerá as seguintes propostas: No primeiro capítulo será apresentada uma análise da mitologia grega sobre o mito do Édipo e será discutida a sua relação para com a teoria desenvolvida a partir complexo psicanalítico; No segundo capítulo, será discutido o Édipo na teoria psicanalítica propriamente dita. Sabe-se que Freud é o *pater familias*¹ da Psicanálise, o pioneiro em discorrer sobre a sexualidade infantil. A partir disso, refletiremos sobre a construção Freudiana do Complexo de Édipo.

A metodologia utilizada é a pesquisa bibliográfica em base de dados como: Google Acadêmico, Google Books a partir dos seguintes descritores: Complexo de Édipo; Sexualidade Feminina; Psicanálise são utilizados livros, capítulos de livros e artigos que contribuam direta ou indiretamente com o tema estudado. Espera-se que este trabalho possa incentivar e contribuir para pesquisas futuras e debates dos leitores.

MITO DO ÉDIPO AO COMPLEXO NA PSICANÁLISE

Tirésias: Verás num mesmo dia teu princípio e fim.
 Édipo: Falaste vagamente e recorrendo a enigmas.
 Tirésias: Não és tão hábil para decifrar enigmas?
 Édipo: Insultas-me no que me faz mais venturoso.
 Tirésias: Dessa ventura há de vir tua perdição.
 Édipo: Mas salvei esta cidade, é quanto basta.
 (SÓFOCLES. Édipo Rei.)

Quase sempre, o mito de Édipo nos aponta para a tragédia grega de Sófocles produzida por volta de 427 a. C., Édipo Rei, uma obra de um conjunto que implica também Antígona e Édipo em Colono. Sófocles viveu aproximadamente entre 406 e 497 a. C., foi um dramaturgo grego que, ao lado de Ésquilo e Eurípides, construiu a aclamada peça da antiguidade grega. Em Édipo Rei, Sófocles toma da mitologia grega o seu Édipo, aquele que levado por um oráculo que apontava que mataria o pai e

casaria com a própria mãe foge de sua cidade e de seus pais para que não se cumpra o vaticínio e segue a caminho de Tebas. No percurso, encontra-se com uma comitiva, e há um desentendimento e Édipo mata Laio. Chega a Tebas, decifra o enigma da Esfinge, torna-se rei e desposa Jocasta, sua mãe. Essa sequência é dada a saber no decorrer da peça já que ela começa com Édipo já rei e casado com Jocasta. Uma nova peste se coloca em Tebas e Édipo manda consultar o oráculo que demonstra ser culpa de a cidade abrigar um assassino o motivo de tantas preocupações. Buscando saber quem seria esse abominável ser, Édipo procura por Tirésias.

Tirésias é um vidente que, cego, tem a visão dos acontecimentos; também ele pertence à mitologia grega como o cego que tudo vê, aquele que pode saber a verdade. Um dos momentos mais belos dessa tragédia é exatamente o diálogo entre Édipo e Tirésias. Tirésias sabe que o assassino procurado é o próprio Édipo, esse rei que lança o anátema ao criminoso: o desterro de sua pátria sem saber que ele mesmo era o que procurava. Ao insistir com Tirésias, Édipo encontra a resposta que tanto buscava ao ouvir:

Partirei, depois de ter dito aquilo em razão do que vim, sem temer tua face, pois não é possível que me destruas. Digo-te: esse homem, que há muito investigas, fazendo ameaças e proclamações de busca sobre a morte de Laio, ele está aqui, um estrangeiro, um imigrante, pelo que se diz; mas a seguir se mostrará nascido em Tebas, e não se alegrará com essa circunstância. Como um cego, depois de ter visto; e um mendigo, em lugar de homem rico, viajará para solo estrangeiro, apontando com o cetro a terra diante de si. Mostrar-se-á ele mesmo tanto irmão quanto pai dos filhos com quem convive; da mulher de quem nasceu, filho e esposo; e do pai, sócio do leito e assassino. Vai para dentro e pensa nisso. Se me surpreenderes mentindo, diz que eu já não sei nada com minha arte profética (SÓFOCLES, 2016).

Édipo refletirá sobre essas palavras e então entenderá o que havia acontecido. O homem a quem matara na encruzilhada era Laio. Laio era seu pai, mas também Laio recebera um oráculo que predizia que seu próprio filho o mataria. Assim, o rei despacha Édipo a fim de que ele morra e evite o acontecimento trágico. No entanto, Édipo é salvo por um pastor. Por ele é levado aos pais adotivos e voltamos à narrativa dentro da peça. Édipo mata o pai, decifra o enigma e, tornando-se rei, desposa Jocasta, a viúva de Laio, e mãe de Édipo. A tragédia está exposta. Para entender melhor a tragédia de Sófocles é buscar a mitologia para alcançar quem é de fato Édipo.

Desejar é a coisa mais humana que há. Por que, então, para nós são inconfessáveis precisamente nossos desejos, porque nos é tão difícil trazê-los à palavra? Tão difícil que acabamos mantendo-os escondidos, e construímos para eles, em algum lugar em nós uma cripta, onde permanecem embalsamados, à espera. (FREUD,2007, p.49).

É sob essa narrativa que se discute a peça de Sófocles, toca em uma realidade que não queremos compreender. Em nosso âmago, percebemos que “todos” já fomos o pequeno Édipo, apesar de não querermos saber.

De acordo com Freud, suportaríamos apenas dizer que nossos desejos são inconfessáveis porque tencionamos a não saber sobre os mesmos. É algo excêntrico, porque não é nomeável e não colocado em pauta para plateia. Nesse ínterim, algo que reconhecemos facilmente, diante desta tragédia, como aquilo que é familiar. Édipo, finda seu destino, cumpre-o na tentativa de fuga. Na prenúncia do espetáculo, o oráculo proclama: “irás matar teu pai e casar com tua mãe.” Diante do horror dito, Édipo foge, porém, escapa para a concretização da fala do oráculo. E, ao tomar ciência de seus atos, arranca seus olhos de forma concreta, para tentar não enxergar o que de algum modo já sabia.

É indiscutível que o complexo de Édipo é a conceituação que mais marca o que alcançamos por inconsciente. O conceito do complexo aparece desde 1897 até seu último escrito em 1938, e permanece atual no século XXI. Freud, massivamente, formula a história de Sófocles (Édipo-Rei), como a atração sexual do filho pela mãe e a hostilidade para com o pai, onde, atravessa-se essa ciência triangular que determina a organização psíquica do sujeito, um encontro com esse jogo de posições da criança com relação aos seus genitores. Quando se aborda a temática da sexualidade infantil, de nenhum modo podemos realizar alguma afirmativa, senão a qual é possível observar a vivência das crianças e aquilo que nós mesmos lembramos de nossa infância. Dentro do *setting* terapêutico, um espaço que apetece um tom psicanalítico, nos alicerçamos na fala dos analisandos para testificar como suas lembranças inconscientes advêm em um mito, ou seja, agimos, de fato, como se isso fosse verdade. A fala do analisando traz algo que se transcorre no inconsciente, seja ela descolada, distorcida, condensada e até mesmo mentirosa e é exatamente isso que dá vida a confirmação de que agimos como se isso fosse real.

Freud percebe como a vivência da infância se dá a partir de um olhar egoísta,

pois quando um bebê nasce ele não tem noção de que ele é um, a mãe outro e o pai outro, para a criança tudo é um grande caos e ele experiencia esse caos. Acabam, por si só, ocupando um lugar de majestade da casa e, partindo desse ponto de reinado, eliminar um rival é um fato fácil de ser observado, por exemplo, o nascimento do irmão mais novo. No entanto, essa rivalidade, não se manifesta somente entre os irmãos. Para o menino, o pai é visto como rival na disputa pelo amor da mãe e, como todo rival, a ideia de eliminação é a fantasia mais vantajosa para o lactente. Como a infância, e pode-se assim dizer que a fala infantil possui a sua própria gramática, a fantasia de eliminar seu oponente não possui o sentido da morte propriamente dita, podendo significar a ausência do opositor ou até mesmo o tirar-se de cena. São desejos incestuosos e inconscientes presentes na travessia da infância com relação aos seus pais.

É interessante observar como Freud recorre ao mito para exemplificar essa rivalidade citada anteriormente. O que compreendemos sobre o a ideia do mito é o modo mais claro que percebemos como o homem necessita criar explicações para si mesmo, que dão sentido a nossas formas de vida, não levando em conta se essa forma é pertencente ao real ou não, Lacan deu vida a seguinte questão:

Édipo na sua própria vida é inteiramente esse mito. Ele não é nada mais do que a passagem do mito à existência. Que ele tenha existido ou não, pouco nos importa, pois de uma forma mais ou menos refletida ele existe em cada um de nós, ele está em toda parte e existe bem mais do que se realmente tivesse existido, (...) pouco importa que uma coisa exista realmente ou não. Ela pode perfeitamente existir no sentido pleno do termo, mesmo que não exista realmente. Toda existência tem, por definição, algo de tal modo improvável que estamos perpetuamente, com efeito interrogando sobre sua realidade. (LACAN, [1954-55]1978, p.268).

É possível observar que na mitologia grega, as figuras representadas como o pai são poderosas e fictícias, a ideia que se encaixa muito bem quando partimos de ponto de visualizar da criança com esse ser dotado de poder que pode lhe barrar de gozar do amor materno:

Apaixonar-se por um dos pais e odiar o outro figuram entre os componentes essenciais do acervo de impulsos psíquicos que se formam nessa época, tão importantes na determinação dos sintomas da neurose posterior. Não é minha crença, todavia, que os psiconeuróticos difiram acentuadamente, nesse aspecto, dos outros seres humanos que permanecem normais- isto é, que eles sejam capazes de criar algo absolutamente novo e peculiar a eles próprios. É

muito mais provável – e isto é confirmado por observações ocasionais de crianças normais -, que se diferenciam apenas por exibirem, em uma escala ampliada, sentimentos de amor e ódio pelos pais, os quais ocorrem de maneira a menos óbvia e intensa na mente da maioria das crianças. (FREUD, [1900]1996, vol. IV, p. 287).

Este fragmento de Freud é imprescindível, pois afirmar de forma coesa que o fenômeno maior que determina o aparelho psíquico e mostra que, esse fenômeno não possui exclusividade da neurose, pois ele se faz presente em todos os indivíduos. É desta forma que Freud pode verificar o Édipo que todos nós em algum momento fomos. O que chamamos de adulto normal expõe, em seus sonhos, mesmo que atravessados pela censura, esse desejo é há muito tempo recalcado por cada indivíduo, mesmo assim indestrutível.

Logo, a tragédia de Sófocles descreve as minuciosidades dos nossos desejos infantis: há algo que se mantém inevitável, como um destino, ao qual a forma ninguém escapa; e quando nos é revelado esse fato/desejo tão repreensível pela sociedade, não queremos saber sobre isto e, como Édipo, arrancamos os olhos, para nos afastar desse palco de horrores do qual um dia fomos intérpretes.

O ÉDIPO NA TEORIA PSICANALÍTICA: A CONSTRUÇÃO FREUDIANA DO CONCEITO

Já disse que a margem foi um dia meu tormento,
a margem agora é minha graça.
(RADUAN NASSAR, Um Copo de Cólera).

Refletindo sobre a narrativa inicial do que seria a travessia do complexo de Édipo, Nassar nos inspira e nos impulsiona a pensar sobre o conceito de bissexualidade psíquica adotado por Freud. Partindo desse pressuposto, é necessário uma análise da palavra margem e sua significância psicanalítica empregue. O que seria aquilo que tece o conceito de bissexualidade psíquica e as diferenças entre feminino e masculino, senão alguma coisa que está em uma margem? É interessante pensar nesse sentido da bissexualidade, o que Freud coloca é que isso permanece vivo em nosso âmago, só que recalcado: “..o que constitui masculinidade ou a

feminilidade é uma característica desconhecida, que a anatomina não pode apreender.” (FREUD, 1993. Conferência 33).

O mesmo autor que diz que a menina não possui o pênis e sente inveja do falo, com relação ao menino que possui o falo, é também o mesmo que o constitui o feminino ou o masculino não pode e não está resolvido pela anatomia do corpo. De alguma maneira, identificamo-nos mais com o feminino ou o masculino, não livrando um lado do outro. Freud compreende que se tornar um homem ou mulher depende de como nós realizamos o ato de atravessar o complexo de Édipo. Em um primeiro momento, Freud cria uma teoria para responder como uma mulher se tornava mulher, e chega a conclusão que uma mulher se torna mulher da mesma maneira que um homem se constitui como homem, ou seja, uma noção equivalente do complexo de Édipo para homem e mulher. O menino começa sua travessia no complexo por amor a sua mãe e a menina por amor ao pai. O menino rivaliza com o seu igual para ter o amor da mãe e a menina disputa com a sua mãe pelo pai, e essa seria a primeira tópica freudiana.

Deste modo, a partir de 1925, quando o mesmo começa a tratar das consequências psíquicas das diferenças anatômicas entre os sexos, Freud começa a elaborar uma questão que é indispensável. Se para toda criança a mãe é o primeiro objeto de amor, o que acontece com a travessia quando pensamos na mulher e o que levaria essa troca de objeto, que, até então era o pai e depois passa a ser o pai.

Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher. (FREUD, 1931, p. 238).

Segundo Freud, em seu texto de 1931, o processo de construção da sexualidade feminina se dá de maneira mais complexa e envolve etapas posteriores àquela envolvida na construção da sexualidade masculina. Interessa investigar como, no interior da teoria freudiana, a inveja do pênis e a fase pré-edípica são capazes de trazer complicações para o desenvolvimento sexual da mulher, que, assim pensa Freud, é muito mais longo nesta do que no homem. O movimento de formação da sexualidade da mulher acarretou problemas que fizeram Freud, em alguma medida,

repensar teorias fundamentais psicanalítica, tais como o complexo de Édipo e a ideia de que a ambivalência emocional dirigida ao progenitor seria encontrada apenas no menino.

O complexo de Édipo masculino aparece pela primeira vez nos escritos de Freud em 1910. Contudo, sua descoberta ocorreu bem antes quando o autor, em sua autoanálise, reconhece em si o amor por sua mãe e o sentimento ambivalente em relação ao seu pai, o que leva Freud a escrever sobre o assunto ao seu amigo e colega médico Fliess em 1897. Tal descoberta se concretizou através da escuta de seus pacientes, que revelavam a presença do complexo de Édipo em suas falas. Como afirma Mezan (2006): Foi sua autoanálise que conduziu Freud à descoberta do que posteriormente viria a se chamar 'Complexo de Édipo'. Na carta 71 a Fliess, de 15.10.1897, ele revela ter descoberto em si mesmo impulsos carinhosos quanto à mãe e hostis em relação ao pai, estes complicados pelo afeto que lhe dedicava. (p. 189).

Nele, o complexo de Édipo, o objeto de amor é a mãe e o sentimento ambivalente se direciona ao pai. No entanto, segundo Freud, anos depois da sua formulação sobre o Édipo, no desenvolvimento de suas teses sobre a sexualidade feminina, para que a menina passe pelo complexo de Édipo, é necessário que haja a troca objetal da mãe para o pai.

Em seu texto sobre a sexualidade feminina, Freud (1931/2010) argumenta que é importante ressaltar dois momentos cruciais para a formação do complexo edípico na mulher. Um primeiro, quando a menina possui uma forte ligação com o pai, sendo que, por meio da clínica, seria possível provar que, antes dessa troca objetal, ela possuía uma ligação ainda mais forte com a mãe.

O segundo ponto se refere ao tempo da ligação com a mãe, que, geralmente, se dava até os quatro ou cinco anos de idade. Essa duração pode fazer com que a mudança objetal nunca ocorra. Como a formação da sexualidade feminina se inicia na fase pré-edípica, é preciso retornar a conceitos antigos, a fim de compreender esse momento de "pré-formação" do complexo de Édipo e, então, a própria formação do complexo para compreender a sexualidade da mulher. Em seu texto acerca da sexualidade feminina, Freud (1931/2010) se distancia da tese de que o complexo de Édipo seria a única fonte das neuroses entre os homens e as mulheres, pois, para que a mulher supere o complexo de Édipo, é preciso que ela passe primeiro pela fase pré-edípica, de igual complexidade e que pode trazer sintomas futuramente.

Assim, a fase pré-edípica da mulher assume uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído. Como ela pode conter todas as fixações e repressões a que fazemos remontar o surgimento das neuroses, parece necessário abandonar a universalidade da tese de que o complexo de Édipo seria o núcleo da neurose, mas quem reluta em fazer essa correção não é obrigado a fazê-la. Por um lado, pode-se dar ao complexo de Édipo um conteúdo mais amplo, de modo a abranger todas as relações da criança com os dois genitores; por outro lado, também se pode levar em conta as novas experiências afirmando que a mulher atinge a normal situação edípica positiva somente após haver superado uma época anterior dominada pelo complexo negativo. De fato, durante essa fase, o pai é pouco mais que um incômodo rival para a menina, embora a hostilidade para com ele jamais alcance a altura típica dos meninos. Há muito tempo renunciámos à expectativa de um perfeito paralelismo entre o desenvolvimento sexual masculino e o feminino. (p. 204).

O complexo de Édipo pode ser entendido como todo o processo da criança em relação ao pai e mãe; porém, pode-se dizer que a mulher encontra-se no Édipo, 12 apenas, depois de superar a fase anterior a ele. Pode-se, portanto, argumenta Freud, inferir, dessa espécie de “complexo” anterior ao complexo de Édipo, uma distinção fundamental no desenvolvimento das sexualidades masculina e feminina. A seu ver, essa teoria ajuda a mostrar a diferença entre o desenvolvimento sexual feminino e o masculino.

O COMPLEXO DE ÉDIPO NA CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE FEMININA A LUZ DA PSICANÁLISE

A Psicanálise nasceu do interesse freudiano sobre o que as mulheres teriam a dizer, ousado-me até a dizer que Freud e “suas” mulheres instauraram a Psicanálise, o desejo de entendê-las dá início a esse despertar psicanalítico. É imprescindível, salientar que não eram quaisquer mulheres, mas as mulheres ditas histéricas que estimularam, em Freud, o desejo de saber mais sobre elas.

O feminino ocupou um lugar especial na obra freudiana. Foi, portanto, um impulsionador de sua produção como também seu ponto de impasse. Se a Psicanálise nasceu das histéricas, a histeria inaugurou então não apenas a clínica freudiana, mas também possibilitou o surgimento de um novo olhar sobre a feminilidade. A escuta das

históricas permitiu que Freud enfatizasse os mistérios do desejo humano, que ele buscou decifrar por diferentes caminhos, mas essa investigação trouxe também um ponto de opacidade que se colocou como fronteira a este saber e como causa de sua produção (ZALCBERG, 2003).

Quando se aborda a evolução histórica da sexualidade feminina, é fundamental destacar conceitos relacionados à sexualidade humana em geral. Conforme apontado por Figueiró (2020), a sexualidade engloba não apenas o aspecto físico, mas também a dimensão emocional, afetiva e relacional da experiência sexual. Isso envolve não apenas o ato sexual em si, mas também sentimentos como carinho, prazer, amor e a reciprocidade do afeto. Além disso, a sexualidade compreende gestos, comunicação, toque e a criação de intimidade entre parceiros.

Ademais, é importante ressaltar que a sexualidade está intrinsecamente ligada aos valores e normas morais que cada cultura desenvolve em relação ao comportamento sexual. Estes valores e normas moldam as expectativas sociais e individuais em torno da sexualidade, influenciando as atitudes e comportamentos das pessoas ao longo da história (FIGUEIRÓ, 2020).

Portanto, ao discutir a construção histórica da sexualidade feminina, é essencial considerar esses elementos que abrangem a dimensão mais ampla da sexualidade humana, indo além do simples ato sexual e reconhecendo sua complexidade e variabilidade cultural.

Em "Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade" de 1905, Sigmund Freud observou que a investigação da vida sexual dos homens estava mais acessível, enquanto a das mulheres permanecia envolta em mistério e obscuridade (FREUD, 1905).

No início de sua pesquisa sobre a sexualidade feminina, Freud (1905) estava influenciado pela crença infantil na universalidade do pênis. Durante a fase genital infantil, os meninos tendem a desenvolver um interesse narcisista em seus órgãos genitais e fazem perguntas sobre a sexualidade. Se não recebem respostas esclarecedoras dos adultos, começam a criar teorias sexuais que acreditam ser verdadeiras. Uma dessas crenças é a de que todas as pessoas têm um pênis e quem não o possui, ou o terá no futuro, ou já o teve e foi castrado.

Freud também argumenta que os meninos superam o complexo de Édipo devido ao medo da castração, enquanto para as meninas, a ameaça de castração é

vista como uma condição para sua entrada no complexo de Édipo. Ele sugere que o complexo de Édipo nas meninas é mais simples, envolvendo a adoção de uma atitude feminina em relação ao pai, assumindo o lugar da mãe. As mudanças decorrentes dessa dinâmica são mais influenciadas por pressões externas, como o medo de perder o amor, levando à renúncia do objeto de afeto (NUNES, 2019).

Posteriormente, em seu texto "Sexualidade Feminina", Freud (1931) reconheceu uma diferença fundamental entre o desenvolvimento das meninas e dos meninos no contexto do complexo de Édipo. Ele sugeriu que as meninas passam por uma fase anterior à entrada no complexo de Édipo, na qual também veem a mãe como objeto de desejo assim como os meninos. A entrada das meninas no complexo de Édipo implica tanto em abandonar a mãe como objeto quanto em tomar o pai como objeto. Isso implica em uma transição da fase fálica, o que pode ter consequências para sua sexualidade.

Freud identificou três possíveis resultados para as meninas em relação ao complexo de Édipo: inibição sexual ou neurose, complexo de masculinidade ou feminilidade normal. A experiência do complexo de castração pode levar a sentimentos de inferioridade em relação aos homens, levando as meninas a adotar uma dessas três vias de desenvolvimento (FREUD, 1931).

Na primeira via, a inibição sexual resulta da insatisfação das meninas com seus clitóris, que percebem como um "pequeno pênis" em comparação com os órgãos genitais masculinos. Isso pode levá-las a abandonar a atividade fálica e a reprimir sua sexualidade em geral, bem como partes de sua masculinidade em outras áreas da vida.

Na segunda possibilidade, quando uma menina se confronta com a ideia da castração do falo, ela pode nutrir a esperança de um dia adquirir um órgão masculino, mantendo a fantasia de se tornar um homem. Como Freud (1931/1996) mencionou:

A segunda via a leva a se apegar com determinação desafiadora à sua masculinidade ameaçada. Até uma idade notavelmente avançada, ela se apegava à esperança de obter um pênis em algum momento. Essa esperança se torna o foco central de sua vida, e a fantasia de ser um homem persiste como um fator formativo por longos períodos. Esse 'complexo de masculinidade' nas mulheres também pode levar a escolhas de objeto homossexuais abertas (FREUD, 1931/1996, p.141).

A terceira possibilidade ocorre quando uma menina consegue fazer a transição de objeto, passando a ver o pai como o objeto de seu desejo. Freud considera isso como uma atitude feminina normal, conforme ele afirma:

Apenas se seu desenvolvimento seguir o terceiro caminho, muito indireto, ela atingirá a atitude feminina normal final, em que toma o pai como objeto, encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo (FREUD, 1931/1996, p.141).

De acordo com Freud (1931/1996), a sexualidade feminina é ainda mais complexa do que a masculina devido à presença de duas zonas erógenas privilegiadas: a vagina (considerada por Freud como a zona feminina) e o clitóris (visto como a zona masculina). Essa dualidade contribui para a bissexualidade que é frequentemente observada nas mulheres, relacionada à transição do objeto da mãe para o pai.

Freud também reconhece a complexidade do desenvolvimento da sexualidade feminina, que envolve a troca da zona genital principal, o clitóris, pela vagina. No entanto, as conexões entre essas tarefas ainda não “estavam claras” para ele na época.

É importante notar que a visão de feminilidade proposta por Freud em 1931 e 1933 limitava a feminilidade ao papel da mulher na procriação, associando-a principalmente à maternidade. No entanto, as perspectivas sobre a feminilidade evoluíram ao longo do tempo, e hoje reconhecemos que as mulheres têm uma gama mais ampla de possibilidades e desejos para além do casamento e da maternidade, como destacado por Simone de Beauvoir em "O Segundo Sexo" de 1967.

Beauvoir (1967/2014) argumenta que as mulheres foram historicamente silenciadas e definidas em relação aos homens, privadas de agência e autonomia. Ela afirma que "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" e que a humanidade é predominantemente vista de uma perspectiva masculina. Essas ideias foram fundamentais para a revolução do pensamento social e político no século XX.

A compreensão da sexualidade feminina é um tema complexo e em constante evolução, influenciada por uma série de fatores, incluindo as teorias de Freud e as críticas subsequentes que buscaram expandir e redefinir a feminilidade, circundado por um questionamento que até hoje se faz: o que quer a mulher? (NUNES, 2019).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Se desejarem saber mais a respeito da feminilidade, indaguem da própria experiência de vida dos senhores, ou consultem os poetas, ou aguardem até que a ciência possa dar-lhes informações mais profundas e coerentes” (FREUD, 1933 [1932], p. 165). Podemos observar que o que possui de mais precioso quando pensamos sobre a sexualidade feminina à luz dos pensamentos freudianos é que a sua Psicanálise não deu conta de explicar essa profundidade do que é se tornar mulher, permanecendo assim um caminho que se mantém em aberto.

Freud ocupa-se em pensar em como uma mulher torna-se mulher, pois, andamos na linha tênue do impossível, que o complexo de Édipo não deu conta de explicar e sustentar a ideia da construção da sexualidade feminina. Por isso, a travessia do complexo, esta mesma não se conclui, mas esta mesmo se entrelaça a outras travessias. Fazendo-nos refletir tal sujeito feminino, sobre sua subjetiva feminilidade e sexualidade que percorre este caminho.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, S.de. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

BRANDÃO, J. S. **Dicionário mítico-etimológico da mitologia grega**. 2 v. Petrópolis: Vozes, 1991 e 1992.

_____. **Mitologia grega**, v. III. Petrópolis: Vozes, 1987.

FIGUEIRÓ, M.N.D. **Educação sexual: retomando uma proposta, um desafio**. Eduel, 2020.

FREUD, S. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade: II - A sexualidade infantil (1905). In: _____. **Um caso de histeria, três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos** (1901-1905). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 163-195. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 7).

_____. **Amor, sexualidade, feminilidade**. Obras incompletas de Sigmund Freud. Belo Horizonte: Autêntica, 1930 [1929].

_____.Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros textos (1901-1905). **Trad. Paulo César de Souza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. **Sexualidade feminina**. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LARROSA, J. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LOPES, A. J. **A psicanálise como revolução científica e mito**. 1985, 158 f. Dissertação (Mestrado em Psiquiatria) - Instituto de Psiquiatria, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 1985.

NUNES, A.R. **A formação da sexualidade feminina e sua construção histórica na perspectiva psicanalítica**. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Brasil, 2019.

PESSOA, F. **Livro do desassossego - composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa**. Richard Zenith (Org.) 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SUY, A. **A gente mira no amor e acerta na solidão**. Paidós. Rio de Janeiro, maio de 2022.

ZALCBERG, M . **A relação mãe & filha**. Gulf Professional Publishing, 2003.